

75574
009

HOLANDA, S.-B. Camuïlhos e
fronteiras. 2ª ed., RJ,
José Olympio, 1975

VEREDAS DE PÉ POSTO

ALGUNS mapas e textos do século XVII apresentam-nos a vila de São Paulo como centro de amplo sistema de estradas expandindo-se rumo ao sertão e à costa. Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem pretenda servir-se desses documentos para a elucidação de algum ponto obscuro de nossa geografia histórica. Recordam-nos, entretanto, a singular importância dessas estradas para a região de Piratininga, cujos destinos aparecem assim representados como em um panorama simbólico.

Neste caso, como em quase tudo, os adventícios deveriam habituar-se às soluções e muitas vezes aos recursos materiais dos primitivos moradores da terra. Às estreitas veredas e atalhos que estes tinham aberto para uso próprio, nada acrescentariam aqueles de considerável, ao menos durante os primeiros tempos. Para o sertanista branco ou mamaluco, o incipiente sistema de viação que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto o fora para o indígena. Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens, em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador inigualável nas entradas, sabiam os paulistas como transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou as montanhas aprumadas, e como escolher sítio para fazer pouso e plantar mantimentos.

Eram de várias espécies esses tênues e rudimentares caminhos de índios. Quando em terreno frágil e bem vestido, distinguíam-se graças aos galhos cortados a mão de espaço a espaço. Uma seqüência de tais galhos, em qualquer floresta, podia significar uma pista. Nas expedições breves serviam de balizas ou mostradores para a

12 p. 15

volta¹. Era o processo chamado *ibapaá*, segundo Montoya², *caapeno*, segundo o Padre João Daniel³, *cuapaba*, segundo Martius⁴, ou ainda *caapepna*, segundo Stradelli⁵: talvez o mais generalizado, não só no Brasil como em quase todo o continente americano. Onde houvesse arvoredo grosso, os caminhos eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos. Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza. Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunui: constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais, a maior metida na terra, e a outra, em ângulo reto com a primeira, mostrando o rio. Só a um olhar muito exercitado seria perceptível o sinal⁶.

Quando não fossem praticáveis tais sistemas o índio encontrava meios de guiar-se pelo sol e com tal habilidade que, segundo referem crônicas quinhentistas, dois tupinambás degredados da Bahia para o Rio de Janeiro e levados por mar, conseguiram, depois de fugir, tornar por terra ao seu país, caminhando mais de trezentas léguas através da mata e de parcialidades hostis. Durante a noite marcavam as horas, em alguns lugares, pela observação das estrelas e constelações. Durante o dia, pela sombra que o polegar deixa na mão⁷.

(1) Vargas Machuca, *Milicia y Descripción de las Indias*, Madrid, 1892, vol. I, pág. 187.

(2) Ruiz de Montoya, *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani*, Viena, 1876, II, págs. 3 v. e 166 v.

(3) Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil*, 4.ª ed., São Paulo, s.d., I, pág. 52 (Na 1.ª ed. da *História Geral*, Madrid, 1854, I, pág. 130, regista-se a forma *ca peno*, de acordo com a versão do Padre João Daniel, corrigida na edição seguinte pelo texto de Montoya); João Daniel, "Tesouro Descoberto no Rio Amazonas", *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, III, Rio de Janeiro, 1841, pág. 42.

(4) C. F. Ph. von Martius, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde*, Leipzig, 1867, pág. 1666.

(5) Stradelli, "Vocabulário da Língua-geral", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 158, Rio, 1929, pág. 387.

(6) Theodor Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter den Indianern*, Berlin, 1910, pág. 210.

(7) Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil*, São Paulo, 1938, pág. 388; J. Barbosa Rodrigues, "Vocabulário Indígena", *Anais da Biblioteca Nacional*, XVI, 2, Rio de Janeiro, 1894, pág. 60.

Essa destreza com que sabiam conduzir-se os naturais da terra, mesmo em sítios invios, herdaram-na os velhos sertanistas e guardam-na até hoje nossos roceiros. Concebe-se que práticas inventadas pelo gentio para marcar os caminhos — por exemplo, o uso de dobrar os galhos ou de golpear os troncos de árvore, ainda freqüente entre gente do interior — fossem facilmente aceitas pelos desbravadores paulistas. Outros processos não faltariam, inspirados provavelmente em tradições vindas da Península. Um deles, o das cruces de madeira chantadas nas veredas que saem das estradas gerais, a advertir o caminhante de que poucos passos depois encontrará um teto onde repouse, é claramente dessa espécie. O Barão de Piratininga procurando, numa das suas novelas, desmentir a versão corrente de que todos os cruzeiros existentes no interior eram testemunhos de crimes e tragédias, assinala, entre muitos outros, esse emprego do símbolo cristão na província de São Paulo⁸.

Um sistema de sinalização convencional nada seria, porém, sem o socorro de um espírito de observação permanentemente desperto e como só se desenvolve ao contato prolongado com a vida nas selvas. Essa espécie de rústico alfabeto, unicamente acessível a indivíduos educados na existência andeja do sertanista, requer qualidades pessoais que dificilmente se improvisam. É possível, talvez, ter idéias da segurança com que os índios se guiavam pelos astros ou rastros, conhecendo a perícia de nosso caboclo no distinguir ou identificar os menores vestígios da passagem de animais nos carreiros. Um exame superficial das pegadas de um homem ou bicho basta-lhe muitas vezes para tirar as deduções mais precisas sobre sua origem, sua direção e a época em que foram produzidas.

Mais de uma proeza dos bandeirantes explica-se graças a esse talento particular. Foi pelos rastros de um abarracamento, que Manuel Dias da Silva, correndo pelo ano de 1736 territórios do atual Estado de Mato Grosso, conseguiu averiguar não só que ali tinham estado castelhanos e com personagens de alta patente, como determinar

(8) Antônio Joaquim da Rosa, *A Cruz de Cedro*, São Roque, 1924, pág. 15.

com precisão quanto tempo antes tinham deixado o lugar, o número de animais que levavam, e o rimo tomado. O cronista do episódio acrescenta mesmo, entre parêntese, que "até pela figura dos ranchos e as cinzas do fogo conheciam os sertanistas, pouco mais ou menos, o tempo que tinha passado depois que naquele sítio estivera alguma tropa".

Ainda aqui bem apurado, é um aspecto da influência indígena que insiste em sobreviver em terra onde foram assíduas a comunicação e a mestiçagem com o gentio. Influência que viria animar, senão tornar possíveis as grandes empresas bandeirantes. Sabemos como era maní-festa nesses conquistadores a marca do chamado selvagem, da raça conquistada. Em seu caso ela não representa uma herança desprezível e que deva ser dissipada ou oculta, não é um traço negativo e que cumpre superar; constitui, ao contrário, elemento fecundo e positivo, capaz de estabelecer poderosos vínculos entre o invasor e a nova terra. O retrocesso a condições mais primitivas, a cada novo contato com a selva e com o habitante da selva, é uma etapa necessária nesse feliz processo de aclimação. Sem ela não poderíamos conceber facilmente muitos daqueles sertanejos audazes, que chegaram a aclamar um rei de sua casta e dos quais dizia certo governador português, que formavam uma república de per si, desdenhosos das leis humanas e divinas.

Deve-se admitir que nessas épocas iniciais a compreensão justa das realidades, as maiores probabilidades de determinar e criar o futuro, o verdadeiro manancial de energias ativas, não estavam nos costumes naturalmente mais policiados e sem dúvida mais suaves, que se iam implantando no litoral, e nem mesmo na indignação piedosa do jesuíta contra os escravizadores de índios. Estaria antes nos ins-tintos obscuros, nas inclinações muitas vezes grosseiras, nos interesses freqüentemente imorais que animavam o banderante devassador dos sertões. E estavam certamente nessa incorporação necessária de numerosos traços da vida do

(9) Pedro Taques, *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica I*, Rio de Janeiro, 1926, pág. 101.

gentio, enquanto não fosse possível uma comunidade civil e bem composta, segundo os moldes europeus.

A necessidade de enfrentar desde a infância uma natureza cheia de caprichos, tornara o índio apto a triunfar sobre todas as contrariedades de seu meio. Incapaz, muitas vezes, de exercer-se em certas artes, que requerem uma existência sedentária, à maneira dos brancos, seus sentidos adquirem energia singular onde seja obrigado a uma constante mobilidade: caçando, pescando, rastreando abelhas, dando guerra aos contrários. Se em terreno limpo não consegue enxergar facilmente, a ponto de haver quem lhes atribua certa atrofia dos órgãos visuais, e se muitos, sobretudo os maiores de trinta anos, não podem tirar bichos-de-pé, porque a vista não os ajuda, a verdade é que realizam prodígios na escuridão e no emaranhado das matas, acompanhando a grande distância a caça cobiçada, seguindo abelhas no vôo ou descobrindo tocas e esconderijos de animais.

Assim também, se parece travado e, mesmo após gerações sucessivas de contato com europeus, não chega a falar corretamente língua de branco, dizendo *curuzu* ou *curuçá*, por cruz, *obechá*, por ovelha, *cabaru*, por cavalo, *marameru*, por marmelo, mostra entretanto admirável desembaraço e exatidão quando imita vozes de bichos, o que lhe dá seguro proveito nas caçadas. Nisso — a observação é de Martius — parece dominar melhor os órgãos vocais do que no falar, pois modula a voz conforme a do animal perseguido e até conforme o sexo do animal e a maior ou menor distância em que se encontre¹⁰. Nas suas excursões costuma identificar as plantas trincando uma folha; pelo gosto sabe dizer a que espécie pertence e determinar-lhe o préstimo e serventia. Dos Caingang afirmou-se que percebem pelo olfato a aproximação de uma cobra¹¹. Refere uma testemunha fidedigna que, percorrendo certas regiões do Brasil Central, conheceu índios capazes de distinguir perfeitamente, a sete

(10) Martius, *op. cit.*, pág. 666.

(11) Telêmaco Borba, *Atualidade Indígena*, Curitiba, 1908, pág. 8.

quilômetros de distância, o barulho de lenhadores derubando madeira¹².

Aos sentidos exercitados pelo gênero de vida que levam, acrescenta-se neles, conforme já se notou acima, um senso de orientação quase miraculoso. Disso há exemplo na extraordinária habilidade cartográfica de que freqüentemente são dotados. Von den Steinen descreve-nos como um capitão Suiá desenhou na areia, para sua informação, parte do curso do Alto Xingu, com os numerosos afluentes e com indicação, além disso, de treze tribos ribeirinhas. "Cada nome era repetido duas, três vezes; onde uma tribo — os Meinácu, por exemplo — possuía cinco aldeias, traçava cinco riscos e mostrava-me, um por um, todos os dedos da mão". Tão nítidas e curiosas foram as informações assim prestadas, que bastaram para animar o sábio viajante a uma segunda expedição, a que se fez em 1887-1888, com resultados consideráveis para o melhor conhecimento das tribos do Brasil Central¹³. Dessa capacidade de representação gráfica entre os índios, também faz menção Theodor Koch-Grünberg, que viu um Taulipangue desenhar o curso completo do Cuquenau com seus setenta afluentes, bem como o perfil das serras de Roraima e Cuquenau¹⁴. Outro etnólogo, Fritz Krause, conseguiu informar-se minuciosamente da localização de tribos da zona do Tapirapé, graças a simples croquis geográficos de um Carajá. Os esboços calcados sobre desenhos de índios encontrados entre os manuscritos de Hermann Meyer puderam servir mais tarde ao mesmo Krause, para coligir dados preciosos acerca de tribos mal conhecidas do sertão de Mato Grosso¹⁵.

(12) Carl von den Steinen, "Die Schamakoko-Indianer nach Guido Boggianis 'I Ciamacco'", *Globus*, LXXVII, Brunsvique, 1895, pág. 326.

(13) v. d. Steinen, *Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886, págs. 213, 214; v.d. Steinen, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilens*, Berlin, 1894, págs. 153, 246 e 247.

(14) Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter den Indianern*, I, Berlin, 1909, pág. 90.

(15) Fritz Krause, *In den Wildnissen Brasiliens*, Leipzig, 1911, pág. 76; F. Krause, "Die Yaruma und Arawine Indianer", *Festschrift Georg Friederici*, Berlin, 1936, págs. 32, 44.

Não é pois de admirar se de desenhos semelhantes houve quem dissesse que não são inferiores aos de cartógrafos europeus da Idade Média e em certos aspectos os ultrapassam¹⁶. Em alguns casos acentuam-se de preferência os acidentes que possam interferir nas atividades normais da tribo, ou, por qualquer outro motivo, suscitem interesse. Assim, os saltos e as cachoeiras, que causam contratempos aos remadores, são indicados por meio de convenções; a extensão de cada afluente é, de certo modo, expressa na relação aproximada que guardam entre si no desenho; a forma de cada montanha aparece igualmente modelada na areia úmida. Até a maior ou a menor regularidade no curso de um rio encontra expressão nessa rústica geografia. É ainda von den Steinen quem nos fala da estranheza que lhe causou o traçado do Batovi feito por seu informante Suiá: à primeira vista lembrara-lhe nada menos do que a figura de um saca-rolhas. Só alguns anos mais tarde, tentando explorar o rio, atinou finalmente com a explicação: é que o curso do Batovi, com suas águas emaranhadas, suas voltas, seus meandros, constitui um autêntico labirinto.

Algumas vezes essas representações gráficas podem atingir um luxo excessivo de minúcias, como ocorre no mapa do Caiari-Uaupes, junto à embocadura do Cuduari, que um índio desenhou para Koch-Grünberg. Ao etnólogo, esse desenho sugeriu aqueles prolixos panoramas com que se amenizavam as descrições de terras ignotas ao tempo em que a cartografia poderia passar por uma das belas artes. O esboço, tal como foi publicado, ilustra bem a forma característica das habitações dos Cobeua, que marçejam o rio, e mostra uma bananeira e duas pupunheiras, planta típica do lugar, reproduzidas em todas as minúcias.

Nesse singelo realismo, que pode encantar um temperamento de esteta, imita-se tudo quanto os olhos viram. Uma atenção exata e uma fiel memória, como só a têm alguns povos naturais, velam pelo rigor da execução. Já Ivo d'Evreux dissera dos seus Tupinambá maranhenses, em princípios do século XVII, que se recordavam exatamente de quanto viam e ouviam, traçando na areia, com a ponta

(16) Dr. W. Dröber, "Kartographie bei den Naturvölkern", *Deutsche Geographische Blätter*, XXVII, Bremen, 1904, pág. 29.

do dedo, uma "geografia ou descrição natural", enquanto faziam suas narrativas.

Mas não é esse aspecto da "cartografia" indígena o que mais importa. Ao lado do detalhe preciso ou pitoresco, exagerado aqui e ali pela surpresa, há em alguns desses desenhos indício de um aproveitamento rigoroso da experiência anterior, em esquemas onde tudo visa ao útil. Para tanto é indispensável a existência de uma verdadeira elaboração mental, de um poder de abstração, que não se concilia facilmente com certas generalizações ainda correntes acerca da "mentalidade primitiva". O desenho chega a libertar-se, muitas vezes, da pura imagem visual. Na queda d'água representada por meio de um círculo, no rio Batovi designado com uma linha quebrada, que não pretende reproduzir todas as sinuosidades do curso, mas tão-somente indicar sua irregularidade extrema e com isso acautelando o viajante inexperiente, atingem-se sem mais rodeios as finalidades informativas e rememorativas requeridas de tais processos.

Entre povos que ignoravam a palavra escrita, esses meios de comunicação assumem um significado comparável ao dos roteiros e a aranzéis, tão abundantemente empregados durante a colonização pelos brancos. Em lugar de ser simples escravo das suas aptidões naturais, dos cinco sentidos, que tinha excepcionalmente apurados, o índio tornava-se, assim, o senhor de um admirável instrumento para triunfar sobre as condições mais penosas e hostis. Podia disciplinar metodicamente muitas daquelas aptidões; criar e recriar mil e um recursos adequados a cada situação nova, sujeitar-se, onde fossem necessários, a comportamentos que lhe garantissem meios de subsistência. Dentro dos limites que lhe permitia sua técnica, dentro do sistema de avanços e recuos, de liberdades e submissões em que se agitava, também podia desenvolver ao máximo um poder inventivo orientado para o bem do grupo, como se deve esperar de homens para quem o viver era antes e acima de tudo um conviver. Precisamente a indústria com que sabia recorrer à comunicação indireta a fim de transmitir advertências e notícias, sempre que uma necessidade urgente se apresentava, serve como prova de tal aptidão. É conhecido o

exemplo do trocano ou tambor de aviso, aliás só encontrado em área restrita e de interesse relativamente escasso para o objeto do presente estudo. Pode-se lembrar, além desse, o processo de sinalação por meio de fogueiras e rolos de fumaça, usado até hoje pelas nossas populações rurais. Viajantes que percorreram os rios do Brasil Central atestam como, para indicar que determinado local é abundante em determinada casta de peixes, os índios usam às vezes o sistema de desenhar nas areias da margem a figura desse peixe. Quem venha depois e esteja a par do processo não correrá o risco de enganar-se. É só lançar o anzol.

Em paragens ásperas, desertas e de pouco mantimento, os exploradores que o contato prolongado da terra e dos usos da terra não tivesse familiarizado com artificios de que se socorre o gentio em qualquer contingência, dificilmente poderiam prescindir do auxílio constante de índios amigos e bons vaqueanos. É claro que nos tempos coloniais essa necessidade seria mais imperiosa do que hoje. Nem de outra forma se poderiam imaginar faanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia, que partiu do litoral atlântico e rumou para os Andes através de terras nunca antes trilhadas por europeus.

O fato de as bandeiras saídas de São Paulo, ora em direção ao Guairá, ora rumo ao sertão do alto São Francisco, terem já nas primeiras investidas atinado com o caminho mais apropriado, mostra até onde se valeriam seus cabos da colaboração indígena. Não importa que fosse uma colaboração absolutamente involuntária e indireta, como chega a sugerir Orville Derby, ao assegurar que os sertanistas "apenas seguiam caminhos já existentes pelos quais se comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas, ou grupos de uma mesma tribo"¹⁷.

Da existência efetiva dessas vias já com caráter mais ou menos permanente, antes de iniciar-se a colonização, nada autoriza a duvidar. E ainda hoje, o traçado de muitas estradas de ferro parece concordar, no essencial, com

(17) Orville Derby, "O Roteiro de uma das Primeiras Bandeiras Paulistas", *Revista do Instituto Histórico de São Paulo*, IV, S. Paulo, 1899, pág. 343.

o dos velhos caminhos de índios e bandeirantes, sinal de que sua localização não seria caprichosa.

A marcha em fileira simples, usual até aos nossos dias entre caipiras, seria inevitável nessas primitivas veredas, em regra pouco melhores do que carreiros de anta. O costume, tradicional entre os naturais do país, tinha a vantagem de proporcionar maior segurança ao viajante em lugares perigosos e infestados de gentio brabo. Salvo nos casos excepcionais, como o do famoso Piabiru ou Caminho de São Tomé, no Guairá, que, com seus oito palmos de largo, não era, nisto, inferior a algumas ruas principais da Lisboa quinhentista, tais veredas dificilmente permitiriam em toda a sua largura mais de uma pessoa ao mesmo tempo. É possível dizer-se que aqui, como no resto do Brasil, e em quase todo o continente, a América do Norte inclusive¹⁸, o primeiro progresso real sobre as velhas trilhas indígenas só foi definitivamente alcançado com a introdução em grande escala dos animais de transporte. Em São Paulo, particularmente, com as primeiras tropas de muare. Quebrando e varrendo a galharia por entre brenhas espessas, as bruacas ou surrões que pendiam a cada lado do animal serviam para ampliar as passagens. Novo progresso surgiria mais tarde com a introdução dos veículos de roda para jornadas mais extensas. Pode-se ter idéia de como foi lento esse progresso, dizendo que, em São Paulo, ao tempo do Capitão-General Melo Castro e Mendonça — o Pilatos. — ou seja entre 1797 e 1802, o caminho de Santos, principal escoadouro da capitania, ainda não era carroçável, mesmo em lugares planos, posto que em muitas partes já fosse pavimentado¹⁹.

Muito embora a documentação existente a respeito seja bastante falha, há mais de um motivo para supor-se que, nas suas longas jornadas, os bandeirantes e cabos de tropa andassem freqüentemente descalços. Montoya diz expressamente dos paulistas, que a pé e descalços marchavam por terras, montes e vales, trezentas e quatrocentas léguas, como

(18) Cf. Caroline E. MacGill, *History of Transportation in the United States before 1860*, Washington, 1917, pág. 118.

(19) *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, São Paulo, 1899, XXIX, pág. 114.

se passassem nas ruas de Madri²⁰. Uma carta dirigida a Sua Majestade pelo *Cabildo* de Assunção do Paraguai, em março de 1676, e que existe manuscrita no *Archivo General de las Indias*, em Sevilha, declara expressamente: "*los Portugueses que hasta aqui se an visto son todos mansevos descalços de pié y pierna con escopetas y alfanges*"²¹. E os inventários e testamentos de sertanistas, feitos durante as entradas, não levam a acreditar que abundassem notavelmente os calçados em semelhantes expedições. Muitas vezes não se dá sequer, nesses documentos, notícia de sua presença. Assim ocorre, por exemplo, no inventário de Pascoal Neto, mandado fazer na paragem de Ibitucaraíba por determinação de Antônio Raposo Tavares; no de Manuel Preto, o moço; no de Pedro Sardinha; no de Francisco de Almeida; no de Gaspar Fernandes... Há certamente exceções, como a do sapato "novo" de couro de veado, que pertenceu a Antônio de Oliveira. Mas esse "novo" não serviria para indicar que só se destinava ao uso nas ocasiões mais solenes?

É sabido que o calçado teve com bastante freqüência um prestígio quase mágico em terras de portugueses, valendo como prova de nobreza ou da importância social de quem o usava. Entre mulheres, então, tinha-se como indiscreta ou provocadora a exibição dos pés nus. De onde, talvez, a preocupação verdadeiramente obsessiva, em nossa literatura de há meio século, pelos pés femininos, "pequenos e mimosos pés", "pés de criança", que aos ternos dom-juans de nosso romantismo apareciam quase como um aceno para a intimidade amorosa.

Houve quem dissesse que no Brasil os sapatos foram o verdadeiro distintivo da liberdade e em Angola, segundo relatava Silva Correia em fins do século XVIII, chamavam "brancos" aos negros que, pelo trato e distinção, estivessem

(20) "Memorial del P. Antonio Ruiz de Montoya, 1643", em Pablo Hernández, *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes*, Barcelona, 1912, II, pág. 635.

(21) *Archivo General de las Indias*, Sevilha, Est. 74, Caj. 4. Leg. 18 (Cópia do Museu Paulista).

em condições de usá-los²². Ainda quando não constituíssem, em todos os casos, privilégio de homens livres, indicariam, de qualquer modo, certa dignidade e ascendência. O grande Afonso de Albuquerque, declara-o Diogo do Couto, que era "fidalgo tão honrado, tão cristão, tão honesto, que afirmam que nunca criado seu lhe viu o pé descalço"²³. De Bento do Amaral, que viveu em São Paulo em princípios do mesmo século XVIII, consta que tinha casa servida por escravos calçados, e tal fato era reputado entre seus contemporâneos como sinal de luxo extremo²⁴.

É possível que nas vilas, durante toda a era colonial, a essa função dignificadora do uso dos calçados correspondesse sua generalização entre gente de qualidade. Afonso Sardinha, justificando-se em 1576 por não poder comparecer a uma sessão do Conselho paulistano, onde era vereador, alegava que "não tinha hús botas para vir a camara". Só a tais circunstâncias deve atribuir-se, provavelmente, certa prosperidade atingida então pelo ofício de sapateiro, que em São Paulo tinha regimento de postura e juiz já no ano de 1583⁵. Por outro lado, fora dos lugares povoados e mesmo em sua imediata vizinhança, é lícito crer que tudo isso fosse considerado supérfluo. Ao entrar nas vilas é que o caminhante tinha o cuidado de calçar-se, depois de limpar cuidadosamente os pés, para livrar-se dos bichos e da poeira. O nome de Lavapés, que designa em São Paulo o sitio onde ficava antigamente a entrada da cidade para quem vinha do lado de Santos, deve ser reminiscência desse velho costume. Ainda hoje, entre homens do campo, prevalece a tradição de só se calçarem ao penetrar nas cidades; na roça caminham em geral de pés nus, carregando ao ombro as botinas, pendentes de uma vara.

(22) Fletcher & Kidder, *Brazil and the Brazilians*, Boston, 1866, pág. 133; H. Handelmann, *História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1931, pág. 378; Silva Correia, *História de Angola*, Lisboa, 1937, I, pág. 120; Hermann Wätjen, *Das Holländische Kolonialreich in Brasilien*, Gotha, 1921, pág. 253.

(23) Diogo do Couto, *O Soldado Prático*, Lisboa, 1937, pág. 140.

(24) Pedro Taques, *op. cit.*, pág. 79.

(25) *Atas da Câmara da Vila de São Paulo I*, São Paulo, 1914, págs. 110, 213 e seg.

O sistema de marcharem a pé e descalços teve ação persistente sobre os hábitos dos sertanistas. Ação que já bem tarde, quando começa a disseminar-se o recurso às cavalgadas para viagens prolongadas, chega a exercer-se até sobre a forma e o tamanho dos estribos. Havia-os tão pequenos, que apenas deixavam lugar para quatro dedos, e estes eram firmados com o auxílio do polegar que ficava de fora. Alguns viajantes de começos do século passado ainda registam seu uso. No Rio Grande do Sul prevaleceu por muito tempo um modelo de estribo ainda mais singular. Consta de um pequeno cilindro de pau, suspenso horizontalmente por duas guascas, que formavam um triângulo em que só cabia o polegar. É provável que esse modelo tivesse origem nas possessões castelhanas do Prata, onde aparece desde épocas remotas. Em outros casos recorria-se a um simples botão ou nó, à extremidade da sogá de couro. Estribava-se mantendo a sogá entre os dedos e firmando estes sobre o botão²⁶. De seu uso resulta a deformação característica que se descreve no *Martin Fierro*, a propósito do velho Viscacha: "con las patas como loro de estribar entre los dedos"²⁷.

Os primeiros missionários religiosos, sobretudo jesuítas, também dispensariam muitas vezes qualquer proteção para os pés. A tanto os forçava a pobreza da terra e também a necessidade de caminharem por lugares frágios ou encharcados, onde os calçados de couro não duravam muito. Sabe-se que nesses casos recorreram, algumas vezes, a alpargatas de estriças de caraguatá e consta que Anchieta se tornou mestre no ofício de fabricá-las.

Menos industriosos, os colonos e os próprios conquistadores não se davam sequer esse luxo. Informa-nos Friederici que já Cabeça de Vaca fez descalço todo o percurso entre o litoral de Santa Catarina e as margens do rio

(26) João Cezimbra Jaques, *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1883, pág. 67; Martin Dobrizhoffer, *An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay*, I, Londres, 1822, pág. 236; Tito Saubidet, *Vocabulario y Refranero Criollo*, Buenos Aires, 1945, pág. 157.

(27) José Hernández, *Martin Fierro*, Buenos Aires, 1941, pág. 172.

Paraná²⁸. O fato não vem relatado nos Comentários de Pero Hernández, mas nada autoriza a pôr em dúvida sua autenticidade. Europeus apenas chegados à América e mesmo antes disso, a bordo dos navios, andavam a pé e descalços à maneira dos índios. Não há dúvida que estes últimos desconheciam praticamente toda espécie de calçados, ao menos na área onde se desenvolveu com maior intensidade a colonização portuguesa. Nada entre eles recordava, embora remotamente, o *moccasin* dos indígenas norte-americanos, de que só nos Estados Unidos e no Canadá pesquisas acuradas revelaram mais de uma dezena de variedades tribais diversas²⁹.

Citam-se esporadicamente casos como o de certos índios das regiões pedregosas do Roraima, que inventaram uma espécie de sandália leve e elástica, fabricada com hastes de meriti. É esse dos raros exemplos conhecidos de um sistema aparentemente autóctone de revestidura para os pés, ou antes, para a planta dos pés, nas florestas tropicais. Depreende-se da descrição oferecida por Koch que, embora se gastem com facilidade, as sandálias desse tipo são rapidamente substituídas durante as expedições, graças à notável abundância do meriti nas regiões do extremo norte³⁰. Menos freqüentes, devido talvez ao fato de serem duras e incômodas, as alpargatas de pele de tapir ou veado, sinaladas na mesma área, relacionam-se possivelmente com as sandálias de couro, que já no século XVI se encontravam à embocadura do Amazonas e de que há menção no relato de Ortiguera sobre a jornada do rio Maranhão. O mapa organizado por Erland Nordenskiöld, abrangendo a distribuição do uso de calçados na América do Sul, consigna para o Brasil, além dessas, as alpargatas de caraguatá encontradas por Marcgrave e por Frei Vital de Frescarolo

(28) W. Krickeberg, "Amerika", em Georg Buschau, *Illustrierte Völkerkunde*, I, Stuttgart, 1922, pág. 261; Georg Friederici, *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer*, I, Stuttgart, 1925, pág. 516.

(29) Clark Wissler, *Relation of Nature to Man*, Nova York, 1920, pág. 23.

(30) Koch-Grünberg, *Vom Roroima zum Orinoco*, III, Stuttgart, 1923.

entre tapuias do nordeste — possivelmente do grupo Cariri — e as dos Caingang do sul³¹.

O emprego dessas sandálias ou alpargatas nem sempre estaria ligado, entretanto, à necessidade de proteção para os pés. Dos Caingang, que normalmente não as usam, diz Ambrosetti que só quando não querem ser seguidos em viagem, cobrem as plantas dos pés com um atado de folhas, cujas extremidades são reviradas para cima. Desse modo, ninguém poderá suspeitar, pela simples observação dos rastros, qual a direção tomada, uma vez que as marcas impressas no solo são iguais de ambos os lados. É natural que o empenho de dissimular perante o inimigo o verdadeiro rumo das expedições obrigasse nossos indígenas a constantes e variados estratagemas. Ao caso das sandálias Caingang, referido por Ambrosetti e registado mais tarde por Nordenskiöld em seu mapa, cabe acrescentar que entre os Xerente houve quem encontrasse "certo calçado muito próximo das alpargatas, feito de palhas entrançadas": a parte da frente servia de descanso ao calcâneo e o rastró ficava impresso em sentido inverso ao da marcha. Inquirido um Xerente sobre as razões que determinaram tal conformação para sua sandália, teria respondido:

— É para cristão não saber da viagem³².

A presença de expediente semelhante em grupos geograficamente tão apartados entre si, como o são os Caingang e Xerente, sugere que o uso das alpargatas destinadas a disfarçar o rumo das marchas, seria mais disseminado do que realmente se pode supor. E, ao mesmo tempo fornece uma explicação, talvez plausível, para os fabulosos *Matuyu* mencionados por Simão de Vasconcelos em suas *Notícias do Brasil*: casta de índios que tinham a singularidade de nascer com os pés às avessas, de modo que para seguir seu caminho era preciso que se andasse em sentido contrário ao que iam mostrando as pisadas. Esses *Matuyu* são, sem dúvida, os mesmos *Mutayu* do Padre Cristóvão de Açuña,

(31) Erland Nordenskiöld, *Analyse Ethno-géographique de la Culture Matérielle de deux tribus indiennes*, Paris, 1929, pág. 118 e segs.; Jorge Marcgrave, *História Natural do Brasil*, S. Paulo, 1942, pág. 271.

(32) Urbino Viana, "Akuen ou Xerente", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 155, Rio de Janeiro, 1928, pág. 39.

que aqui, como em tantos outros pontos, parece ter sido o inspirador direto do jesuíta português. Efetivamente no *Nuevo Descubrimiento* aparecem eles como "gente que todos tienen los pies al revés, de suerte que quien no conociendo les quisiere seguir sus huellas, caminaría al contrario de ellos"³³.

Não é preciso ir buscar antepassados para essa nação lendária entre os *monstra* da antiguidade clássica, ou do Oriente, ou da Idade Média. A anomalia dos pés às avesas, que no ermo das florestas pode preservar de perseguições, deve parecer uma espécie de privilégio sobrenatural entre povos andeijos e assustadiços. É bem compreensível o fato desse privilégio surgir associado com frequência a entidades mitológicas dotadas de força mágica. Ao curupira, por exemplo, cujo poder se estende a toda a vasta área onde dominaram povos de língua tupi e cuja missão específica é proteger as matas e as caças. Segundo a versão mais popular, ele se manifesta aos índios, sobretudo aos caçadores, sob a aparência de um caboclinho calvo, de enormes orelhas, um só olho, corpo cabeludo, dentes verdes ou azuis, e sempre com os pés virados para trás. É pelo menos assim que costuma aparecer mais freqüentemente na Amazônia³⁴.

Uma das formas que assumiria o saci no interior de São Paulo aparenta-o bastante ao curupira amazônico. A versão divulgada por Afonso A. de Freitas caracteriza esse tipo de saci como tendo duas pernas e pisando com os calcanhares para frente, de modo que suas pegadas indicam sempre direção oposta à que na realidade tomou³⁵. Martius atribui não ao curupira e nem ao saci, mas ao upupiara, a especialidade de pés às avessas³⁶. No Rio Grande do Sul, ao que informa Barbosa Rodrigues, existe a crença numa personagem mítica dotada de duplos pés, "para não se

(33) Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, Lisboa, 1865, XLIII; P. Christoval de Acuña, *Nuevo Descubrimiento del Gran Río de las Amazonas*, Madri, 1891, pág. 171.

(34) Herbert Smith, *The Amazon and the Coast*, Londres, 1879, pág. 561 e seg.

(35) Afonso A. de Freitas, *Vocabulário Nheengatu*, São Paulo, 1936, pág. 144.

(36) Spix e Martius, *Reise in Brasilien*, III, Munique, 1831, págs. 1092 e 1110.

saber quando caminha para a frente ou para trás"³⁷. A preocupação constante entre os índios de dissimular ao inimigo todas as pistas que possa deixar sua marcha através dos sítios mais infestados, transparece claramente de tais lendas. As marcas dos pés descalços são, entre essas pistas, das mais evidentes e, por conseguinte, das mais perigosas. No caso do curupira elas têm uma função particular, a de atrair o caçador que pretende escapar-lhe, iludido por sua direção suposta e falsa.

* * *

Das intermináveis marchas a que se habituavam desde meninos, provêm, segundo todas as aparências, os pés alargados e disformes que Ehrenreich notou em numerosos índios brasileiros, traço que ainda persiste com grande freqüência em nossos caboclos de hoje: "descalço, pés chatos e esparramados, dedos cabeçudos, longos, em garra, fincados no chão..."³⁸. Outros fatores, aliás, podem determinar essa particularidade. Assim, por exemplo, os pés chatos ou espalmados dos Guató são explicados pela posição adotada por esses índios nas suas canoas, onde passam dias inteiros. A mesma causa explicaria as pernas em X, comuns nos indivíduos dessa tribo anfíbia, sobretudo os do sexo masculino³⁹. Dos Guaicuru, ao contrário, consta expressamente, em velhas crônicas, que "por sempre andarem embarcados ou a cavalo, têm os pés mimosos"⁴⁰.

É curioso que os próprios índios atribuam por vezes a deformação dos pés achatados aos modos de vida que lhes são impostos ou às condições do terreno que pisam: sinal de que não corresponderia a nenhum ideal estético parti-

(37) Barbosa Rodrigues, "Poranduba Amazonense", *Anais da Biblioteca Nacional*, XIV, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1865, pág. 12.

(38) Paul Ehrenreich, *Antropologische Studien über die Uribewohner Brasiliens*, Brunsvique, 1897, pág. 104; A. Vierkandt, "Die Indianerstämme Brasiliens und die allgemeinen Frage der Anthropologie", *Globus*, LXII, Brunsvique, 1897, pág. 139.

(39) Max Schmidt, *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, Berlim, 1905, pág. 296.

(40) F. Rodrigues do Prado, "História dos Índios Cavaleiros", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, I, Rio de Janeiro, 1839, pág. 25.

genas, dos lugares mais apropriados ao trânsito, preservava ao menos a direção geral do traçado e garantia, nos lugares acidentados, a passagem obrigatória por determinados sítios, que serviam de baliza ao longo do trajeto.

A pouca largura desses caminhos, que se adaptavam particularmente ao sistema de marcha característico dos índios, não constituiu sério obstáculo a que fossem mais tarde utilizados pelos adventícios. O que sucedeu em outros lugares da América, onde as picadas abertas pelos naturais da terra serviram mais tarde aos europeus, permitindo sua expansão através do continente,⁴³ ocorreu igualmente, e em maior escala, entre nós. Há testemunhos desse aproveitamento e é significativo que em textos coloniais a presença de alguma antiga trilha indígena se presta, não raro, para determinar a localização de datas de terras. Assim o caminho dos Guaianá, que em fins do século XVI servira a Martim de Sá em sua expedição às regiões correspondentes ao sul, ou antes, ao sudeste do atual território de Minas Gerais, é o mesmo que, mais de três décadas depois, ainda constituía ponto de referência numa petição de sesmaria apresentada por Miguel Aires Maldonado e filhos⁴⁴. A permanência de caminhos numerosos que da vila de São Paulo conduziam, ora às minas gerais, ora ao sul, onde se estabeleceriam as primeiras reduções de guaranis, parece ter fixado, muito mais do que o rio Tietê, as direções iniciais da expansão bandeirante. O valor dos rios estava, aparentemente, menos em servirem de vias de comunicação do que de meios de orientação. Já nos tempos da decadência do bandeirismo, um capitão-general de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, indicava em ofício

(43) Foi graças às trilhas indígenas, observa um historiador, que europeus de várias nacionalidades puderam expandir-se na América do Norte. Os caminhos do Soundshore e a via de Westchester permitiram efetivamente, aos refugiados das perseguições religiosas na Nova Inglaterra, procurar e encontrar abrigo na área da Nova Holanda. Reginald Pelham Bolton, *Indian Paths in the Great Metropolis*, I, Nova York, 1922, pág. 20.

(44) "Tombo dos bens pertencentes ao Convento de Nossa Senhora do Carmo". *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, Rio de Janeiro, 1939, pág. 275: "... por onde foi o capp. am Marthim de Saa para o certão com seu arraial por onde ordinariamente se serviu e seruem o gentio guayna de suas terras para o d. Rio Paraty..."

sobre remessas de tropas às regiões platinas, algumas das vantagens que ofereciam os rios aos seus governados. É que estes banzavam no mar e preferiam marchar por terra, pescando, matando as caças que freqüentam as margens da água doce, e banhando-se "a uso Americano"⁴⁵.

É assim como o branco e o mamaluco se aproveitaram não raro das veredas dos índios, há motivo para pensar que estes, por sua vez, foram, em muitos casos, simples sucessores dos animais selvagens, do tapir especialmente, cujos carreiros ao longo de rios e riachos, ou em direção a nascentes de águas, se adaptavam perfeitamente às necessidades e hábitos daquelas populações. Hábitos a que o europeu e seu descendente tiveram de acomodar-se com freqüência nas viagens terrestres e que muitos sertanejos ainda conservam.

O caminho em fila imposto pela exiguidade das trilhas, principalmente no espesso da selva tropical, parece relacionar-se, além disso, às razões de ordem fisiológica que G. Friederici estudou entre índios norte-americanos, mas que parecem aplicar-se de modo geral aos de todo o continente. É que, enquanto os brancos, por disposição natural ou educação, costumam caminhar voltando para fora a extremidade de cada pé, o índio caminha de ordinário com os pés para a frente. Na sua marcha, nota ainda Friederici, a planta e os dedos do pé aplicam-se inteiramente sobre o solo, porque todo o peso do indivíduo recai sobre o conjunto de maneira uniforme, ao passo que entre os brancos o polegar suporta uma parcela de peso desproporcionadamente maior. Com seu sistema peculiar, os índios não só economizam trabalho, pois a ponta do pé encontra naturalmente menos superfície de resistência nos galhos e macegas, mas também, devido à distribuição mais proporcional do peso do corpo, "nenhuma junta desenvolve mais trabalho do que as outras, nenhuma parte sofre maior cansaço, e assim — *viribus unitis* — tornam-se possíveis percursos mais extensos"⁴⁶. É ilustrativo, a propósito, o que refere George

(45) *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, XXVIII, São Paulo, 1898, pág. 142.

(46) Georg Friederici, "Der Gang des Indianers", *Globus*, LXXIV, Brunswick, 1898, pág. 274.

Catlin das suas peregrinações no vale do Missouri. Tendo caminhado, certa vez, dias seguidos sobre uma campina imensa, ele e seus companheiros brancos sentiam-se, ao cabo de algum tempo, exaustos, com dores atrozes nos pés, que impossibilitavam o prosseguimento da marcha. Foi então que, a conselho de um dos franceses mestiços pertencentes ao grupo e que, ao contrário dos brancos puros, pareciam suportar bem a jornada, decidiu seguir o costume indígena e "voltar para dentro os dedos do pé" (*turn my toes in*). Não foi preciso muito mais para que se refizesse prontamente do cansaço e, em dois ou três dias, tomasse a dianteira sobre os demais viajantes⁴⁷.

A própria diferença no modo de marchar reflete-se naturalmente na impressão dos rastros, o que permite, pela simples observação destes, determinar se o caminhante teria sido índio ou branco. Além disso, quando o rastro se imprime, não com as pontas dos pés para fora, como ocorre no caso dos brancos, nem para a frente, mas para dentro, é indício de que foi deixado por pessoa que transportava carga pesada. Esta determinação só se torna possível, em todo o caso, para rastro novo e sobre vereda recente. Nas trilhas largamente usadas ela já se torna mais difícil, pois o índio, e às vezes o sertanejo mestiço — a observação foi feita por mais de um viajante no interior do Brasil e em outros países americanos — costumam não só seguir os passos de quem os antecedeu, como ainda pisar exatamente sobre as marcas já deixadas no solo. A imagem que fica dessas veredas é, assim, a de uma seqüência regular de pisadas nitidamente impressas, e essa imagem se tornou tão característica, que na América Espanhola chegou a ser reproduzida em esboços cartográficos⁴⁸.

Muitos desses expedientes e recursos que lhes ajudavam a vencer o cansaço numa existência andeja e inconsistente, transmitiram-nos os índios aos seus filhos mamaluços.

(47) Thomas Donaldson, "The George Catlin Indian Gallery in the U. S. National Museum", *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution*, 1885, Parte II, Washington, 1886, pág. 431.

(48) Cf. Dr. Karl Sapper, "Ein altindianischer Landstreit in Guatemala", *Globus*, LXXII, Brunsvique, 1897, pág. 96.

Transmitiram-nos também, quase certamente, a alguns daqueles pioneiros brancos que, especialmente nas terras de Piratininga, tiveram de imitar seus hábitos para resistir à hostilidade do meio. E é inevitável pensar-se a este propósito no patriarca João Ramalho, de quem dizia Tomé de Sousa, em carta a el-rei: "Tem tantos filhos e netos bisnetos e descendentes delle ho nom ouso de dizer a V. A., não tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove leguoas a pe antes de jantar..."

das abelhas silvestres — tal sistema representa todavia um avanço sensível no processo de domesticação.

Mais transigentes do que o gentio da terra mostraram-se muitos colonos brancos, adotando em larga escala os recursos e táticas indígenas de aproveitamento do mundo animal e vegetal para a aquisição de meios de subsistência. Um passo importante nesse sentido, a acomodação à dieta alimentar dos primitivos moradores do país, que constitui certamente resultado de um longo esforço de adaptação ao seu clima e às suas condições materiais, terá favorecido qualidades de energia e resistência, as mesmas qualidades que assinalariam os antigos paulistas, por exemplo, em todos os recantos do Brasil.

Muito alimento que pareceria repugnante a paladares europeus, teve de ser acolhido desde cedo por aquela gente, principalmente durante as correrias no sertão, pois a fome é companheira constante da aventura. Com mais razão do que os naturais de outras capitâneas, poderiam os velhos paulistas repetir as palavras com que se escusou Jerônimo de Albuquerque, o bravo mamaluco do norte, por não dar um tratamento ideal a certo enviado do senhor de La Ravardière: "*como somos hombres que un puño de hariña y un pedazo de culebra, quando la hay, nos sustenta* — dizia ele — *quién a esto no se acomoda, siempre rehusará nuestra compañía...*"². O gênero de vida a que eram forçados aqueles devassadores do sertão dificilmente lhes permitiria agir de outra forma. Os índios tinham tido tempo e oportunidade para arrancar à natureza o máximo de recursos que, com sua existência andeja, lhes era lícito esperar dela. Onde não fossem grandes as possibilidades de escolha, cumpria admitir o que era proporcionado sem maior trabalho.

Quando sujeito a condições semelhantes, o próprio europeu, para sobreviver, devia acolher esses recursos e aceitar, em muitos casos, as mesmas técnicas e ardis inventados pelo gentio. Não só de cobras e outros bichos que rastejam, mas ainda de sapos, ratos, raízes de guaribá ou guareá, grelos de samambaia, sustentava-se o viandante perdido em sertões de escasso mantimento, os "sertões

(2) Bernardo Pereira de Berredo, *Anais Históricos do Maranhão*, 2ª ed., Maranhão, 1849, pág. 135.

IGUARIAS DE BUGRE

PARA a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade é preciso nunca perder de vista a presença, no interior do corpo social, de fatores que ajudam a admitir ou a rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhos à sua herança de cultura. Longe de representarem aglomerados inânimes e aluviais, sem defesa contra sugestões ou imposições externas, as sociedades, inclusive e sobretudo entre povos naturais, dispõem normalmente de forças seletivas que agem em benefício de sua unidade orgânica, preservando-as tanto quanto possível de tudo o que possa transformar essa unidade. Ou modificando as novas aquisições até ao ponto em que se integrem na estrutura tradicional.

Precisamente a criação doméstica de abelhas, como a praticam hoje os Pareci e os Tereno, fornece-nos exemplo sugestivo da maneira pela qual as influências estranhas chegam a entrosar-se na tradição de um povo. A apicultura à européia, com abelhas européias, não seria espontaneamente acolhida entre nossos índios sem uma transformação das suas condições de existência. Mesmo aos grupos mais sedentários ainda falta a fixidez necessária para o desenvolvimento de tal indústria. Entre os Guarani das missões paraguaias sedentarizados pelos padres, ela não chegou a tomar incremento, a despeito de toda a energia que empregaram os jesuítas para implantá-la¹.

O sistema da criação de abelhas em cabaças facilmente transportáveis deveria, por todos os motivos, encontrar menor resistência. Não obstante o escasso rendimento que anuncia — seguramente mais escasso do que a exploração

(1) Pe. Pablo Pastells, *op. cit.*, I, pág. 483.

famintos", de que falam alguns roteiros. Ou em ocasiões de excessiva penúria, como logo após os descobrimentos nas minas gerais, onde o alqueire de milho foi a 30 e 40 oitavas e o feijão a vinte, sendo tal a necessidade dos moradores, que "se aproveitaram dos mais imundos animais...".

É certo que mesmo em horas de fartura não faltava quem incluisse jacarés e lagartos, por exemplo, entre os pratos apetecidos. A içá torrada venceu todas as resistências, urbanizando-se mesmo, quase tão completamente como a mandioca, o feijão, o milho e a pimenta da terra. Pretendeu-se que os jesuítas, no intuito de livrarem as lavouras da praga das saúvas, tivessem contribuído para disseminar entre paulistas o gosto por essa iguaria. Nada há de inacreditável em tal suposição, uma vez que já os primeiros escritos de missionários inactos em terra brasileira mencionam a içá como prato saboroso e saudável. Nos meses de setembro e outubro, em que saem aos bandos essas formigas aladas, buscava-as com sofreguidão, nos seus quintais, a gente de São Paulo, e ainda em pleno século XIX, com grande escândalo para os estudantes forasteiros³, eram apregoadas elas no centro da cidade pelas pretas de quitanda, ao lado das comidas tradicionais: biscoitos de polvilho, pés-de-moleque, furrundum de cidra, cuscuz de bagre ou camarão, pinhão quente, batata assada ao forno, cará cozido... Não sei se chegaram a ser vendidas em confeitos, como ocorria entre os "castelhanos" de Santa Fé, conforme depoimento de Azara. Mas entre famílias que se tinham em conta de prestantes e honradas, o uso deprimente já teria sido abolido — possivelmente de longa data, quando o não conservassem quase com recato e às ocultas.

O "prato de bugres", que aparentava à raça dominada, raça desprezada — só mais tarde enaltecida pelo romantismo — ficara relegado às camadas ínfimas da população

(3) Celebrizou-se a sátira atribuída ao acadêmico Francisco José Pinheiro Guimarães, que principia por estes versos:

"Comendo içá, comendo cambuquira,
Vive a afamada gente paulistana..."

citadina. Seria o primeiro passo para seu lento refluxo aos meios rurais e pequenos povoados do interior, onde pôde sobreviver até hoje. Ainda em outubro de 1717, quando percorreu a capitania em demanda das minas, D. Pedro de Almeida e Portugal encontrou quem lhe oferecesse, sem hesitar, antes com o mais vivo empenho, "humas poucas formigas", acompanhando meio macaco. O macaco, explicou-lhe o obsequioso hospedeiro, era a caça mais mimosa daqueles matos, e as formigas, depois de convenientemente tostadas ao fogo, comparavam-se à melhor manteiga de Flandres⁴. Cumpre notar que isso se passava em um pobre sítio das vizinhanças de Jacaré, e é de crer que, nos lugares povoados e em casas principais, ninguém se exporia com tamanha candura ao sobranceiro desdém de um fidalgo emboaba.

Mais tipicamente sertanejas do que as içás são certas larvas de coleópteros e lepidópteros, que ainda consomem nossos índios e às vezes os caboclos. As velhas crônicas de descobrimento e conquista da América tropical estão cheias de referências e, o que é mais significativo, de ardetes encômios, às virtudes alimentares e ao sabor do bicho-de-taquara. Parece que, vencida a repugnância do primeiro momento, os brancos se tornavam os maiores adeptos e propagandistas do manjar indígena. Uns compararam-no aos miolos de boi, outros à manteiga fresca⁵. Assados ou torrados, já dissera Anchieta que em nada se distinguiam do caldo (ou banha) de porco⁶. Mais recentemente Saint-

(4) "Diário da Jornada que fez o Exm.^o Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a Cide. de São Paulo e desta até as Minas", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, III, Rio de Janeiro, 1939, pág. 308.

(5) G. Friederici, *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas*, I, Stuttgart, 1925, págs. 113, 114; Alvar Núñez Cabeza de Vaca, *Naufragios y Comentarios*, Madrid, 1922, pág. 176.

(6) Na tradução das cartas de Anchieta aproveitada para a ed. da Academia Brasileira de Letras, consta que os bichos-de-taquara são, assados ou torrados, "um guisado que em nada difere da carne de porco estufada". V. José de Anchieta, *Cartas, Informesões, Fragmentos Históricos e Sermões*, Rio de Janeiro, 1933, pág. 121. — Para prova de que o tradutor foi infeliz nesse, como, aliás, em outros passos de seu trabalho, compare-se essa interpretação com o texto original: "hos igni assos et fostos solent comedere, tanto vero est eorum multitudine acervatim congestas, ut ex ei fiat liquamen, quod liquato ex

Assim é que a palavra "pinhão" usava-se indiferentemente para designar os frutos da araucária e o outono, que é o tempo deles⁹. Costumavam chamá-los *ibá*, que quer dizer simplesmente fruta, pois era a fruta por excelência das terras paulistas e sulinas. Com a redução progressiva das áreas povoadas de pinheiros, o mesmo privilégio ficaria reservado mais tarde à jabuticaba: *fruta*, sem qualquer determinante, é, ainda hoje, o nome que lhe dão no interior de São Paulo. Já ao tempo das bandeiras, e sobretudo durante as monções de Cuiabá, essa e outras mirtáceas, como os araçás, as guabiobas, as grumixamas, as pitangas e os cambucis, pertenciam à dieta habitual dos que se entranhavam na selva. Entre outras frutas que também deveriam ter papel significativo nessas expedições, são dignos de menção os ananases, os araticuns de várias espécies e o jataí, cuja polpa, esverdeada e farinha, era considerada uma das delícias do sertão, principalmente se desfeita em mel de pau.

(9) Pe. Manuel da Fonseca, *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes*, São Paulo, s. d., pág. 100.

Hilaire chegou a escrever que seu sabor faz pensar no mais delicado dos cremes. E como indicio do singular apreço em que tinham esses gusanos, não já apenas os índios e mestiços, mas os próprios europeus, refere o caso de um português do posto de Paçanha, em Malali, que fazia deter a gordura em grandes quantidades para empregá-la mais tarde em lugar de manteiga⁷. O uso tem sido atestado ainda em nossos dias entre algumas populações do interior, particularmente entre ervateiros e caboclos das margens do Paraná⁸. Não é difícil imaginar o que significaria tal alimento para os antigos caminheiros, durante as penosas jornadas do sertão.

Seja qual for, porém, a acolhida reservada pelos homens da raça dominadora, brancos ou mamalucos, a manjares tão em dissonância com os padrões de gosto e limpeza importados da Europa, tudo faz crer que muitos, à primeira vista, hesitassem bem menos em aceitar alguns alimentos de origem vegetal, normalmente aproveitados pelos índios, do que os "bichos imundos" em que estes se fartavam. Merece uma referência especial, a esse propósito, o palmito, cujo largo consumo, durante as entradas, é bem notório. Numerosas foram as variedades conhecidas dos sertanistas, e algumas de nomes tão rebarbativos, que só os poderiam guardar de cor indivíduos versados na lingua-geral, como eram, em sua maioria, os homens de São Paulo.

Também são dignos de menção os pinhões da araucária, que davam excelente farinha e que, abundantes outrora no planalto, chegavam a substituir em certos casos a mandioca. Tinham, além disso, um papel semelhante ao da castanha-do-pará nas capitâneas do norte e ao do caju nas do nordeste, servindo para marcar datas e épocas do ano.

Sue non est dissimile... Josephi de Anchieta Epistola Quamplurimum Rerum Naturalium quæ S. Vincentii (nunc S. Pauli) Provintiam Incolunt Sistens Descriptionem, Lisboa, 1799, pág. 21.

(7) A. de Saint-Hilaire, *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, I, São Paulo, 1938, pág. 361.

(8) Juan B. Ambrosetti, "Los Indios Kaingangs", *Revista del Jardín Zoológico*, II, n.º 10, Buenos Aires, 1894, pág. 327; J. B. Ambrosetti, *Los Indios Caingú del Alto Paraná*, Buenos Aires, 1895, pág. 42 e seq.

onde naturalmente a espécie de solidariedade cultural que logo se estabeleceu aqui entre o invasor e a raça subjugada.

Um simples inventário de termos de caça, particularmente nomes de armadilhas e ciladas que se usam em nosso sertão — tocaia, juçana, jirau, juquiá, etc... — é o suficiente para denunciar a que ponto pôde chegar tal solidariedade. Até rituais indígenas ligados à arte venatória sobreviveram deformados, secularizados, algumas vezes despidos de sua significação primitiva. O hábito, ainda corrente entre nossas tribos, de se colorirem os homens ora de urucu, ora de jenipapo, no momento de partirem para suas caçadas, não se explicaria unicamente pelos motivos mágicos ou higiênicos que alguns cientistas têm alvitrado. Pode ligar-se também à observação fácil de que determinadas cores exercem sobre os animais verdadeiro poder de atração ou repulsão. O caçador sertanejo que usa vestir seu poncho às avessas, deixando ver a baeta vermelha do forro, a fim de atrair por essa forma certas caças, não estaria repetindo com meios diversos, mas com o mesmo fim, o ardil do índio que se tingia de urucu? O recurso às cores "propiciatórias" no sistema de caça aos veados, tradicionalmente praticado às margens do Tietê, "tão diferente da do reyno", conforme já notava em 1757 o Conde de Azambuja, resulta provavelmente da observação de hábitos da vida animal, que o sertanejo poderia fazer por si; não custa crer, porém, que o tivessem aprendido dos índios, uma vez que estes o utilizaram já antes.

Lacerda de Almeida descreve-nos como era uso fazer-se essa caçada no interior de São Paulo em fins do século XVIII: "Encaminhão-se os caçadores para as manadas de veados contra o vento, levando na cabeça algum barrete ou panno vermelho; algumas vezes párao e levantão um braço, e outras agachão-se; os veados, que não estão acostumados a ver estes phantasmas, chegado-se a elles para os reconhecer, e ficão sendo victimas de sua curiosidade"¹.

(1) *Diário da Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá, e S. Paulo nos Anos de 1780 a 1790*, São Paulo, 1841, pág. 76, 77. O autor deveria ter em vista, nesse caso, os cervos ou campeiros que, ainda hoje, sobretudo nos campos e banhados de Mato Grosso, podem ser encontrados em pequenos bandos.

CAÇA E PESCA

SE junto às paragens povoadas o europeu, graças sobretudo à importação de instrumentos metálicos — machados, enxadas, cunhas, anzóis de ferro — ao conhecimento de meios relativamente simples de obter fogo, e finalmente ao plantio de certos vegetais oriundos de outros climas, conseguira vencer entre nós muitas das limitações impostas pelo ambiente, ampliando com isso a base econômica onde descansava a sociedade constituída pelos seus descendentes nestas terras, outras seriam as condições durante longas viagens por lugares ignorados e incultos. Aqui, o adventício tinha de ficar quase inteiramente à mercê dos expedientes inventados pelo selvagem, pois o equipamento técnico, trazido do Velho Mundo era muitas vezes inútil em terras que não estivessem preparadas para recebê-lo.

Em São Paulo, cuja população, particularmente a população masculina, se distinguiu durante todo o período por uma excessiva mobilidade, a mistura étnica e também a aculturação, resultante do convívio assíduo e obrigatório, seja durante as entradas seja nos sítios de roça, deram ao indígena um papel que será impossível disfarçar. Essa própria mobilidade tendia a repelir o vigor lento e laborioso, a prudente e minuciosa aplicação com que outros povos mais assentados buscam seus elementos de subsistência. Os frutos da lavoura não encontravam mercado amplo ou acessível para seduzir a ambição dos moradores da terra. E assim, as mesmas razões que condenavam esses homens à instabilidade, reduziam-nos freqüentemente à dependência imediata da natureza. Seu sustento ordinário nas viagens, além da farinha de guerra, de que não se separavam, ao menos nos primeiros tempos, era quase somente o que dá a terra sem a lavragem, como sejam caças e frutas. De

Presentemente, talvez por influência européia, e sem dúvida pela observação de que, à vista das cores berrantes e vistosas, alguns animais se espantam com facilidade ou mesmo se enfurecem, como costuma ocorrer aos queixadas, vai prevalecendo ao contrário o uso de roupas escuras para qualquer tipo de caçada. O mesmo motivo aconselharia as armas envernizadas de preto e sem polimento: o reflexo do metal pode afugentar os animais.

É provável que nas superstições relacionadas com a caça a contribuição indígena seja considerável se comparada à européia ou à africana. Como o índio, nosso caçador sertanejo povoa as florestas de entidades míticas, cuja ação maléfica é preciso saber prevenir e combater. Algumas vezes, elementos tirados à religião católica incorporam-se grosseiramente a tais crenças. A bala de cera benta, que serve para prostrar de morte o caipora, se o atinge bem no umbigo; o laço de rosário, que é o único meio de aprisionar o saci, não existiriam se não tivessem existido missionários. Não é por acaso se a influência de elementos do catolicismo se tornou mais patente nos instrumentos de conjuração do que na formação das fabulosas personagens. Ao catequista não repugnava, em geral, admitir a existência de tais personagens, pois que lhe era fácil assimilá-la ao diabo dos cristãos. Anchieta notou que, por esses meios, queria o demônio tornar-se formidável aos pobres brasis, ignorantes do Deus verdadeiro, a fim de, contra eles, exercer sua cruel tirania. E acentuava: "É coisa sabida e pela boca de todos corre, que ha certos demonios, a que no Brasil chamam corrupira, que acomettem aos Indios muitas vezes no matto, dão-lhes de açoites, machucam-n'os e matam-n'os. São testemunhas disto os nossos Irmãos, que viram algumas vezes os mortos por elle"². As oblações com que o gentio procurava aplacar a malevolência dos seus demônios tartariam muito naturalmente os padres de substituir símbolos do cristianismo. Assim talvez se explicará o modo pelo qual tais símbolos chegam a intervir, ainda hoje, em numerosas crenças sertanejas.

(2) José de Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, Rio de Janeiro, 1923, pág. 128.

A simples posse de armas européias não conferia aos primeiros povoadores brancos, nas suas guerras e caçadas, tão manifesta vantagem sobre os naturais da terra quanto o sugerem certas observações superficiais. Existe, de autoria do Príncipe de Wied-Neuwied, uma página pouco lembrada, escrita em princípios do século passado, que bem pode dar idéia dos riscos a que freqüentemente se sujeitavam os conquistadores quinhentistas, ainda quando bem providos de armas de fogo. As frechas dos índios não tinham muitas vezes menor alcance do que um bom arcabuz ou uma escopeta. As alterações atmosféricas, as chuvas, a umidade, não chegavam a causar-lhes estorvo. Seu disparo não produz ruído, ou fogo, ou fumaça, com que se denuncie o atirador. "Quantas vezes — comenta o sábio viajante — não terão sido funestas ao europeu as condições atmosféricas nas florestas virgens do Brasil! Se a umidade lhe emperrava a arma, ele se convertia em fácil vítima para o selvagem, que nesse caso o trucidava sem dó nem piedade. Do emaranhado dos ramos e folhagens emergia rápida a frecha; tão rápida que não deixava tempo para se distinguir seu ponto de partida. Isso fazia com que o índio pudesse derrubar, de um só bando, vários animais, antes que os restantes o pressentissem ou, ao menos, tentassem escapar-lhe"³.

Há muito que referir sobre a habilidade com que alguns se serviam desse instrumento. O fato de permitir a pontaria indireta dá ao arco, em certas ocasiões, superioridade decisiva sobre as antigas armas de fogo. Cronistas castelhanos da conquista do Prata narram o exemplo de índios que, para mostrar destreza em seu manejo, faziam colocar a certa altura uma folha de papel destinada a servir de alvo; a frecha, lançada a um ponto aparentemente vago, no espaço, vinha, de volta, ferir esse alvo. Exemplo que se reproduz, sem grande diferença, entre alguns dos nossos indígenas atuais. Conta-se por exemplo dos Bororo que conseguem fazer com que, despedida do arco, a seta descreva a parábola necessária para cair exatamente no lugar

(3) Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied, *Reise nach Brasilien*, II, Frankfurt-sob-re-o-Meno, 1821, pág. 28.

de antemão marcado⁴. A essa capacidade de cálculo e previsão deveriam, talvez, alguns dos nossos índios, a possibilidade de ferir as aves durante o voo, no que superariam os melhores caçadores europeus do tempo da colonização, sendo exato que no Velho Continente, em Portugal pelo menos, se ignorava ou mal se conhecia então o costume de atirar às aves no voo⁵. O primeiro obstáculo vinha, seguramente, do complicado processo de carregar e dar fogo às armas, no que muitas vezes se deixavam escapar as boas ocasiões de surpreender o inimigo ou a presa. Já nisso desfrutavam os naturais da terra de uma superioridade positiva sobre o adventício, pois tanto tempo consumia o europeu em carregar e fazer disparar seu pesado arcabuz, quanto o tupinambá em atirar cinco e seis frechas.

Outro ponto em que as armas indígenas pareciam aventajar-se às importadas está no fato de serem de mais simples manejo. É sabido que certos mosquetes só podiam funcionar com o socorro de duas pessoas — uma para fazer pontaria e fogo, outra para suportar ao ombro o cano da arma. Só o recurso às longas forquilhas, de condução necessariamente incômoda, pôde dispensar, mais tarde, a necessidade de semelhante arrimo. É verdade, por outro lado, que no caso das armas de fogo se tornava possível o transporte de considerável munição em reduzido espaço, o que não sucedia com as frechas. Tal circunstância fazia com que as primeiras se recomendassem para as jornadas mais prolongadas.

Cabe perguntar, em todo o caso, se essa vantagem compensaria amplamente as falhas de fogo, tão comuns em arcabuzes e escopetas, e que só puderam ser em parte sanadas com as espingardas de percussão, surgidas em fins do século XVIII e vulgarizadas mais tarde. As influências

(4) Pe. Antônio Colbacchini, *A Tribo dos Bororos*, Rio de Janeiro, 1919, pág. 18.

(5) Também é certo que já em 1624 se proibia por lei, em Portugal, "a invenção de atirar no ar às perdizes", introduzida alguns anos antes. Varnhagen, que menciona expressamente a referida lei, nota que o uso de se atirar às perdizes no voo só foi conhecido no Reino, "com toda a segurança", depois de colonizado o Brasil. Cf. *A Caça no Brasil ou Manual do Caçador*, por Um Brasileiro Devoto de S. Huberto, Rio de Janeiro, 1860, pág. 67.

atmosféricas perturbavam também, sobretudo nos climas tropicais, o bom funcionamento de tais armas. Seu delicado mecanismo era facilmente atingido pelos efeitos da umidade, que as tornava imprestáveis. De onde, nos primeiros tempos, e nas conquistas de Castela, o fato de preferirem alguns conquistadores a besta ao mosquito. Mesmo no Brasil, há notícia de que esse instrumento chegou a ser empregado, e com resultados felizes, nas lutas contra índios. No ano de 1561 os camaristas de São Paulo, alarmados ante os saltos constantes do gentio contrário, solicitavam do reino a remessa de uma dúzia de bestas, além de espingardas e berços.

A observação atenta e o hábito dissipavam muitas vezes, nos selvagens, o pavor que a arma de fogo deve ter representado durante os primeiros choques. Sobretudo quando lhes era dado verificar que esses engenhos não passavam, com freqüência, de instrumentos caprichosos, que uma simples pancada de água bastava para tornar inofensivos. Os Guaicuru, que tanto trabalho deram às expedições paulistas, nos caminhos fluviais para o Cuiabá, inventaram um hábil estratégia para destruir os comboios com maior segurança. Assim, enquanto uns despediam suas frechas e outros davam botes de azagaia, aqueles que remavam tinham a astúcia de atirar água sobre os fechos das armas, com o que se esquivavam aos efeitos dos tiros e faziam a abordagem sem maior embaraço⁶. Ainda quando tais fatos não bastassem para desmoralizar perante o indígena o armamento dos brancos, trariam, como resultado, um acréscimo de confiança no valor dos seus próprios recursos. E estimulariam confrontos, em geral nada favoráveis aos meios com que contavam os intrusos a fim de reduzi-los à sujeição e obediência.

As mechas, que deviam manter constantemente fogo de reserva, enquanto o escopeteiro precisasse utilizar a arma, tinham o inconveniente de dificultar, à noite, qualquer surpresa. Além disso, uma vez comunicado fogo à arma, era forçoso disparar sem perda de tempo, o que tornava impossível, para o atirador, aguardar os momentos ade-

(6) Lacerda e Almeida, *op. cit.*, págs. 65, 66.

quados. Em caso de chuva, ou mesmo de vento, as mechas apagam-se depressa, e o reabastecimento não era fácil. O arcabuz de roldete, que dispensava mecha, uma vez que a chispa produzida pela própria roda de aço ia inflamar a carga, resolveu muito imperfeitamente o problema, pois o novo sistema não evitava demoras e acarretava constantes falhas, tornando-se, além disso, praticamente inútil durante chuvas. É significativo o fato de essa invenção não ter suprimido senão muito aos poucos o recurso à mecha, que mesmo na Europa chegou a persistir até fins do século XVII, e entre nós seguramente até mais tarde.

Ao estampido causado pelo deflagrar da pólvora e ao terror supersticioso que o acompanhava, devem os europeus, mais talvez do que a outros motivos, o bom êxito alcançado na América pelas suas armas. Mas cumpre não exagerar essa vantagem, pois em muitos casos ela se tornaria contraproducente. Sobretudo onde houvesse conveniência em dissimular-se as posições dos atiradores, pois o ruído pode denunciá-los, tanto quanto o fogo e a fumaça. Nas caçadas, então, as armas mudas, como a frecha, apresentam, por isso mesmo, decidida superioridade em relação às outras. Se ainda hoje, entre certas tribos, se nota uma franca resistência ao uso das armas de fogo, mesmo onde não lhes sejam inacessíveis, podendo ser obtidas dos brancos mediante troca, é por se considerar que espantam com seu estampido os bichos do mato⁷.

Não se deve, em todo o caso, afirmar que tal resistência representa a regra geral entre nossos índios. A verdade, muito ao contrário, é que os habitantes primitivos do Brasil, como aliás de toda a América, se mostraram, de ordinário, pressurosos em obter a novidade aparatosa que traziam consigo os adventícios. Pode-se, com Georg Friederici, concluir que tal fato é mais explicável pelo terror que toda nova invenção técnica derrama no campo de batalha, do que pela discursível superioridade dos imperfeitos mosquetes quinhentistas e seiscentistas sobre o arco e a frecha. "O disparo, o fumo, o estampido das espingardas produziam sobressalto e supersticioso pavor; de ordinário, após os

(7) Thomas Whiffen, *The North-West Amazons*, Londres, 1915, pág. 115.

primeiros tiros certos, o pânico e a fuga se tornavam gerais. Alcançar a posse desse instrumento de terror é o que tornava a aquisição de uma arma de fogo tão cobiçada pelo índio; ela o colocava acima do arqueiro e lhe restituía, em face do europeu, o sentimento de equivalência que lhe recusara o mudo arco⁸. Em lugares onde a aquisição de armamento europeu, por parte dos índios, não encontrava fortes empecilhos, deram-se mesmo casos em que a indústria do arco e da frecha veio a decair e foi rapidamente esquecida. Bem providos de armas de fogo e bem municiados, eles podiam enfrentar muitas vezes o europeu com iguais recursos, sem falar na vantagem de conhecerem melhor o terreno. O perigo que isso representava tornou-se logo patente, e em muitos casos as nações conquistadoras procuravam impedir, mediante penalidades severas, o fornecimento de armas de fogo aos índios.

Em realidade essas proibições só se puderam tornar efetivas onde as rivalidades nacionais não dividiam fortemente, entre si, os conquistadores. Na América do Sul, no Brasil em particular, os índios arcabuzeiros e escopeteiros quase se pode dizer que constituíam exceção nos tempos coloniais, e jamais chegaram a oferecer grave ameaça para os europeus. Em suas relações com os Tamoios poderiam os franceses, por esse lado, ter provocado transformações comparáveis às que suscitariam mais tarde entre os iroqueses da América do Norte. Estes, abastecidos de espingardas civilizadas, chegariam em poucos anos a desaprender a arte de fabricar e até de manejar o *tomahawk*, sua arma nacional⁹. Mas os Tamoios não tiveram tempo para tanto. Aliás as primeiras tentativas efetuadas para habituá-los a armas européias não pareceram muito promissoras. Jean de Léry, que assistiu a essas tentativas, diz-nos que para fazer funcionar o arcabuz, os índios necessitavam de três pessoas: a primeira sustentava a arma, outra fazia pontaria e a última, finalmente, dava fogo. Além disso, costumavam

(8) G. Friederici, "A Eficácia do Arco dos Índios", *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, XII, Recife, 1907, pág. 478.

(9) William Christie Macleod, *The American Indian Frontier*, Londres, 1928, pág. 552 e seg.

encher de pólvora todo o cano, com risco de fazerem em pedaços a arma e perderem a vida, no atirar.

O interesse que as armas de fogo provocavam entre esses índios vinha em parte da detonação, mas sobretudo de não poder perceber o projétil em sua trajetória. Mas esse interesse logo se dissipou ao verificarem que o tempo consumido em carregar e disparar um arcabuz dava para cinco ou seis tiros de frecha: "*tant y a neanmoins qu'ayant cognou l'artifice, disans (comme est-il vray), qu'avec leurs arcs ils auront plus tost delasché cinc ou six flesches qu'on aura chargé & tiré un coup d'arquebuz, ils commencent de s'esseurer à l'encontre*"¹⁰.

Em compensação, entre portugueses e mamalucos, sobretudo nas terras vicentinas, o arco e a frecha entraram bem cedo no arsenal dos conquistadores, substituindo, em alguns casos, as próprias armas de procedência européia. De arco e frecha andam armados os filhos de João Ramalho, "muitos em número e todos de má casta", disse Vasconcelos. É conhecida a resposta de um deles, quando lhe acenaram com os rigores do Santo Ofício: "Acabarei com a Inquirição a frechas". Muito mais tarde, já em 1614, o Desembargador Manuel Jácome Bravo, da Relação do Estado do Brasil, achando-se em São Paulo em correição, é advertido pelos moradores, por meio de frechas que lhe passam rente à cabeça, de que deve renunciar ao prosseguimento das suas devassas e abandonar o mais depressa possível as terras piratinínganas¹¹. Mesmo em documentos públicos, como as cartas de sesmaria, lêem-se coisas deste teor: "... um capão de mato virgem, que terá quatro ou cinco tiros de frecha de comprido e dois tiros de largo, pouco mais ou menos..."¹². O tiro de frecha surge, assim, como verdadeira medida de distância, substituindo o tiro de arcabuz, da fórmula já corrente e estereotipada nos textos portugueses da época.

(10) Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil*, Paris, 1880, II, págs. 34, 35.

(11) Cf. Afonso de E. Taunay, *História Sesmariata da Vila de São Paulo*, I, São Paulo, 1926, pág. 46 e seg.

(12) *Sesmarias, Documentos do Arquivo do Estado de São Paulo*, I, São Paulo, 1921, págs. 75, 152.

É mais do que provável que, durante as entradas, as armas da terra tenham sido largamente usadas pelos sertanistas, "potentados em arcos", embora não se faça dela menção constante nos inventários e testamentos. Alcântara Machado, que estudou conscienciosamente esses documentos, só encontrou referência a um arco e uma dúzia de frechas pertencentes a Antão Pires, e a trinta frechas empenhadas, guarnecidas com um arco e noventa canos para frechas de camarigiba, deixados por Henrique da Costa. E explica essa omissão, observando que, fabricado pelos próprios índios frecheiros, esse armamento lhes pertence e por isso não vai incluído entre os bens do acervo¹³. Sem arcos e frechas em abundância, dificilmente se conceberia que a pólvora e o chumbo, carregados nos baús encourados, pudessem dar para expedições que, em alguns casos, duravam vários anos seguidos.

O fato de essas armas poderem ser feitas mesmo durante a marcha, permitia que fossem, muitas vezes, quase improvisadas no curso das expedições.

Mas a posse de armamento mais apropriado ao seu meio e ao seu ritmo de vida não conferia, por si só, ao gentio, uma situação em muitos pontos vantajosa se comparada à dos adventícios. A verdade é que sua espantosa capacidade de observação da natureza e das circunstâncias da vida animal sugeria aos primitivos moradores da terra uma série de recursos inacessíveis ao europeu. Destes recursos muitos puderam persistir onde a civilização não embotou de todo a vivacidade dos sentidos que caracteriza as populações rústicas nas brenhas incultas. Entre nossos indígenas e sertanejos, os laços que unem o homem ao mundo ambiente são bem mais estreitos do que tudo quanto pode alcançar nossa imaginação. A própria arte com que sabem copiar os movimentos, os gestos, as vozes dos animais da selva, não significa, neles, uma simples mímica; é antes o fruto de uma comunhão assídua com a vida íntima da natureza.

Dessa harmonia entre o homem e seu meio selvagem nasce uma inventiva fértil e pronta, uma imaginação sempre alerta, uma atenção quase divinatória, que para o civilizado

(13) Alcântara Machado, *Vida e Morte do Bandeirante*, 2.ª ed., São Paulo, 1930, pág. 257.

parece atingir os limites do miraculoso. Thomas Whiffen refere que, percorrendo certa floresta, um índio lhe declarou, após rápido exame das árvores e do solo, que quando o sol se achava em determinada posição — isto é, aproximadamente meia hora antes — tinham passado sete homens carregando uma anta, morta em sítio apartado. Em seguida apanhou uma folha, onde se podia ver uma pequena mancha de sangue coagulado. O peso demonstrado pela aparência das pegadas dos sete homens indicava que o animal seria uma anta. Que eram sete, provavam-no iniludivelmente os mesmos rastros. O modo de impressão dos dedos dos pés na terra permitia, além disso, verificar que estariam cansados da longa marcha. Um simples ramo partido, a exsudação da seiva — prossegue a testemunha — basta para advertir ao índio que alguém passou em tal momento por tal lugar. Para mostrar que em um ponto da floresta passara um homem dez minutos antes, o guia indígena exibiu-lhe certa vez uma folha colhida do chão. Justamente dez minutos antes tinha começado a chover e a folha, revirada pelos pés de algum caminhante, se achava molhada nas duas faces.

Entre esses moradores da floresta "é uma questão de vida ou de morte o saberem a qualquer momento tirar deduções precisas do aspecto do céu, do lado ensombrado das árvores, do vôo das aves, do passo dos animais e, sobretudo, dispor de uma acuidade de sentidos que ultrapassa qualquer raciocínio"¹⁴. Uma vez examinadas as pegadas de um animal, devem poder encontrar elementos que lhes permitam conhecê-lo e acompanhá-lo. Não precisarão seguir-lhe constantemente os rastros; uma observação segura ensina ao caçador o meio de alcançar diretamente a presa, cortando caminho.

Não há um século, quando os processos usados por nossos caçadores caboclos se ressentiam menos do que hoje da influência de usos europeus, Paula Sousa pôde assinalar alguns dos indícios que, no interior de São Paulo, ajudavam a distinguir ou identificar uma caça. Sabia-se, por exemplo,

(14) Thomas Whiffen, *The North-West Amazons. Notes of Some Months Spent Among Cannibal Tribes*, Londres, 1915, pág. 107.

que um catingueiro macho deixa rastro largo, denunciando cascos abertos. Já na fêmea os cascos são unidos e em ponta. No animal cansado eles se abrem cada vez mais, assentando melhor no solo. Poderia talvez acrescentar que, ainda neste caso, os rastros das patas dianteiras e traseiras aparecem menos distanciados entre si, denunciando menos ímpeto na corrida. Os próprios restos de comida eram freqüentemente utilizados para os mesmos fins. Assim é que a palha de milho, quando roída por paca, apresenta-se como se fora cortada a navalha; se devorada pela cutia, fica apenas desfiada. A paca puxa a espiga e devora-a a certa distância da ceva; a cutia come no lugar onde a encontrou. Esta deixa pó, a outra não¹⁵.

Com a intrusão cada vez maior de métodos europeus tenderiam normalmente a desaparecer, aos poucos, tais expedientes, próprios de sociedades e de épocas em que a caça era uma verdadeira fonte de subsistência. Essa europeização parece acentuar-se, com efeito, a partir dos meados do século passado, quando a arte de caçar passa a ser considerada, não raro, como exercício aventuroso e galante, recreio de gente ociosa e sujeito por isso mesmo a um rigoroso código de decoro. Varnhagen, que escreveu um manual onde se exalta esse "simulacro de guerra", "tiro-cínio de heróis", chegando a ponto de recomendar a introdução no Brasil da falcoaria e o adestramento para isso dos nossos caracará e queriqueris, teve talvez sua pequena parte de responsabilidade no descrédito em que se foram lançando algumas práticas herdadas do convívio com o bugre e longamente mantidas. A caça deveria ter agora, entre outros, o fito de dar ao homem "melhor idéia de sua superioridade sobre todos os viventes"¹⁶. Superioridade que se afirmava na tranqüila consciência do poder, raramente na astúcia.

Como conciliar essa idéia dignificante com certos métodos rústicos, onde o caçador procura quase nivelar-se aos bichos e até às árvores da floresta, a fim de enganar e

(15) J. P. S. (Joaquim de Paula Sousa) — *Escola de Caça ou Monteria Paulista*, Rio de Janeiro, 1863, págs. 76, 64, 65.

(16) *A Caça no Brasil ou Manual do Caçador*, por um Brasileiro Devoto de S. Huberto, Rio de Janeiro, 1860, pág. 43.

melhor destruir sua presa? Um desses métodos, o do *mbayá*, até hoje usado em sertões remotos, consiste, com efeito, em cobrir-se o caçador de palmas verdes, tomando a feição de um coqueiro, e, por meio de pios apropriados, atrair macucos, inhambus, jaós, mutuns ou jacus, nas matas espessas, e excepcionalmente — nos campos — perdizes e codornas ou mesmo bichos de pêlo, em particular capivaras e macacos¹⁷. O próprio sentimento de comunidade e até de parentesco com o resto dos seres naturais, a perfeita integração no mundo traiçoeiro e agreste, que admiravelmente retrata em suas lendas, sugere ao índio e também ao mamaluco, na caça e na guerra, a vantagem desses expedientes fraudulentos. O certo, porém, é que, longe de desaparecerem com o tempo, suas práticas prevalecem intatas, ou quase, ainda em nossas dias.

A existência de largos distritos, opulentos em bichos de toda casta, explica, muitas vezes, as constantes migrações indígenas. Uma paragem despovoada-se de caça assim como uma terra lavrada se gasta, após anos consecutivos de exploração sistemática. Para escapar à destruição e ao aniquilamento é que aquelas populações primitivas transferem facilmente sua morada para territórios menos usados. A caça é complemento, não raro substituto, da lavoura. De certos povos, no Chaco especialmente, consta que só não chegaram a possuir lavoura evoluída por terem habitado sempre, desde eras muito remotas, em áreas de muita caça.

O mesmo, e certamente em proporções bem maiores, é verdadeiro com relação à pesca. Isso já foi notado expressamente a propósito da região amazônica, onde a diminuição do pescado teve, como consequência, a redução no número de índios, a ponto de a própria população branca ver-se desamparada de braços que a servissem na agricultura e na coleta de produtos florestais. Mas a pesca, secundada por embarcações capazes de longas viagens e de transportar facilmente o pescado, tornou possível, entre alguns grupos humanos, um grau apreciável de sedentarie-

(17) Bento Arruda, *Por Campos e Matas*, São Paulo, 1925, pág. 5; Henrique Silva, *A Caça no Brasil*, Rio de Janeiro, s. d., pág. 120; Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães, *Pelos Sertões do Brasil*, São Paulo, 1941, pág. 168.

dade. Seu rendimento chega a ser tão elevado, que parece dispensar qualquer outra atividade produtiva. Há populações que se fizeram escravas de seus rios e do mar. Retido o meio de sustento que neles se oferece já quase não terão com que subsistir. Martius, depois de observar o aspecto doentio e miserável que apresentam muitos dos nossos pescadores, concluiu que nas terras quentes, onde o mantimento depressa se deteriora, ao maior ou menor consumo de peixe entre seus habitantes corresponde maior ou menor indolência, pobreza e predisposição a doenças¹⁸. O que talvez seja verdadeiro onde o peixe, por sua extrema abundância, chega a suprir todas as necessidades, tornando-se alimento exclusivo.

Se na caça, e principalmente na lavoura, a técnica européia, introduzida com os primeiros colonos e posta a serviço dos métodos indígenas, teve como resultado tornar ainda mais nocivos esses métodos, dificilmente se poderá afirmar o mesmo com relação à pesca. O emprego do pari, o recurso frequente a ervas e cipós que entroviscam o peixe, foram certamente admitidos e de bom grado pelos primeiros, mas estes não dispunham de meios que os tornassem ainda mais nefastos. Salvo se considerarmos que, desprezando quase sempre os processos de conservação do pescado, a que recorriam tradicionalmente os indígenas — o moqueim e a farinha de peixe ou piracuí — e impossibilitados de praticar os que corriam no reino, devido à carência ou à carestia do sal, eles só podiam contribuir para que se agravasse grandemente o desbarato.

A verdade é que, já no ano de 1591, os camaristas de São Paulo tentavam impedir a destruição inútil de peixe, adotando uma resolução que deveria parecer radical para os costumes do tempo: proibiram terminantemente que, em todo o curso do Tamanduateí, se fizessem pescarias com tingui, uma das plantas ictiotóxicas de que então se abusava. Ficou assentado, com efeito, na sessão do Conselho de quinze de julho daquele ano, lançar-se pregão em altas vozes para que "se não desse tingui neste rio abaixo da

(18) Dr. J. B. von Spix e Dr. C. F. Ph. von Martius, *Reise in Brasilien*, Munique, 1823, I, pág. 110; Martius, *Zur Ethnographic Amerikas zumal Brasiliens*, Leipzig, 1867, pág. 605, nota.

villa tamendoati em todo elle cõ pena de quinhentos réis por cada pesoa q' se achase dando tingui p^o o conselho e acuzador...". Alguns anos depois, em 1598, estendia-se a mesma proibição a todos os ribeiros e rios caudais existentes dentro do termo da vila¹⁹. Para tais resoluções teria contribuído, segundo todas as probabilidades, alguma reminiscência de medidas regulamentares semelhantes, que já em Portugal se opunham às pescarias feitas com materiais peçonhentos. Sobre os moradores primitivos de Piratininga deveriam exercer, porém, uma invencível sedução, esses métodos bárbaros, se não é muitíssimo exagerado aquilo que afirmou Anchieta, a saber, que o total de peixes graúdos, assim obtidos, ultrapassava em muitos casos de doze mil²⁰.

Outro motivo militarria igualmente em favor das providências da Câmara paulistana, como fosse a necessidade de se resguardar a saúde do povo. A dificuldade em se consumirem todos os peixes no lugar, a escassez de meios para os transportes a longas distâncias, a pouca frequência, entre os colonos — não entre os índios — de conservas onde fosse aproveitado o sobejo, forçavam, muitas vezes, o abandono, nas praias, de grandes quantidades do pescado. Não falta exemplo de epidemias graves atribuídas na época ao acúmulo de peixe arruinado, que, segundo era crença geral, corrompia a atmosfera em seguida às ricas pescarias com timbó ou tingui. Luís D'Alincourt refere-se a uma dessas epidemias, que assolou toda a freguesia de Mogi-Guaçu em fins do século XVIII: "foi tão grande — escreve — a quantidade de peixe, que apodrecendo infestou de tal forma o ar, que foi causa de perecer um grande número de pessoas"²¹.

De Portugal, muitos colonos já viriam aptos a aceitar, sem relutância, os rudes métodos de pescaria que encontraram praticados entre os gentios. O próprio costume de intoxicar peixes, sem prejuízo de quem os consome, não teria, para eles, o sabor de uma estranha novidade. O

(19) *Atas da Câmara da Vila de São Paulo*, I, São Paulo, 1914, págs. 422, 425; II, São Paulo, 1915, págs. 41, 42.

(20) José de Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, Rio de Janeiro, 1933, pág. 111.

(21) Luís D'Alincourt, *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Curitiba*, Rio de Janeiro, 1830, pág. 47.

tingui e o timbó eram simples réplicas americanas do basco, do trovisco, da coca, da cal, e de tantas outras substâncias peçonhentas de que no reino se fazia largo uso. As várias formas de barragem para cercar peixe ocorriam, com pouca diferença, nos dois continentes. Fabricavam-nas os índios, não só de galhos, como também de pedra, sendo que as últimas denunciavam por vezes uma indústria e um tirocinio a toda a prova. Em expedição realizada aos campos de Guatapuava no ano de 1770, por ordem do morgado de Mateus, pôde admirar o explorador Antônio da Costa Pimentel o cerco feito em um rio por índios estremes de contato com brancos: "qual modo hê de cercar o Rio todo com pedras, e bem postas, e no meio hum encano das mesmas pedras e na boca do encano hum sesto amanhando o peixe..."²². Não é outro o processo que ainda aplica, nos nossos dias, o caipira do interior de São Paulo.

Foi exatamente na pesca fluvial e lacustre que as influências indígenas chegaram a exercer-se e a perdurar, entre nós, quase sem temer competição. Dos portugueses veio-nos o anzol metálico, que substituiu com vantagem os espinhos tortos usados pelos naturais do país. Só isso explicaria, em verdade, a acolhida que encontrou, tão grande que pôde torná-lo dos principais artigos de resgate. Em Portugal, os oficiais anzoleiros do século XVI teriam chegado a instituir uma indústria lucrativa com o fabrico de mercadoria inferior e imprópria, destinada expressamente ao consumo no Brasil. Assim é que, para anzóis pargueiros, os mais sólidos e dispendiosos, recorriam abusivamente aos fios metálicos pouco resistentes que se empregavam de ordinário na pesca de gorazes. Em 1572, com a reforma dos regimentos de oficiais mecânicos de Lisboa, procurou-se remediar o abuso mediante imposição de penalidades severas aos infratores²³. Sabe-se que alguns anos depois, em 1587, já havia, pelo menos na vila de São Paulo, quem fabricasse

(22) "Relação da Viagem de Antônio da Costa Pimentel", *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, XXXIV, São Paulo, 1901, pág. 320.

(23) *Libro dos Regimentos dos Officiaes Mechanicos da Mui Nobre e Sépre Leal Cidade de Lisboa*. Publ. pelo Dr. Virgilio Correia, Coimbra, 1926, pág. 68.

pargueiros a seis réis, meios pargueiros a três e outros tipos a dois e menos²⁴. Tais fatos servem para atestar a grande procura que encontrava o artigo.

Mas esse instrumento parcimonioso nem sempre seria recurso ideal num sertão largo, de rios largos e piscosos, sem coutadas, sem defesas, sem governos que pudessem cuidar de coisas tão miúdas. Quanto às redes de arremesso ou de arrastão, também apontadas como de procedência europeia, estas concordariam mais com as condições da terra. Principalmente se tivessem malhas bem apertadas, que é como dão boa renda, arrastando os peixes com suas crias pequenas — motivo que, no reino, levou as autoridades zelosas a estabelecer prolixos regulamentos fixando a largura mínima para as malhas.

É difícil exagerar a importância que assume a pesca na economia alimentar das nossas povoações coloniais. Importância que, só em parte, se pode relacionar ao uso forçado do peixe nos dias de jejum e abstinência preceituados pela Igreja. Outros motivos favoreciam certamente uma tal situação, e não já nas terras da marinha, onde ela seria compreensível, mas no próprio sertão remoto. As reservas de pescado que oferecem os cursos d'água não se consomem tão depressa como, por exemplo, a fauna dos campos e matas. Além disso, onde não faltassem pastagens, não faltariam gados trazidos pelos colonos, com o que se podia suprir a veação. Na capitania de Martim Afonso os rebanhos bovinos e suínos subiram, desde cedo, as escarpas alcantiladas da Paranapiacaba, e já por meados do século XVI surgem no planalto, salteando roças de lavradores ou invadindo ruas do vilarejo andreense. Tudo isso deveria tornar acessório o papel da caça, como fonte de sustento, onde quer que povoadores brancos se tivessem organizado em núcleos estáveis. O contrário do que ocorreria durante as jornadas ao sertão distante e ermo, em que a subsistência do europeu, tanto quanto a do nativo, dependia principalmente dela.

(24) *Atas da Câmara da Vila de São Paulo*, I. S. Paulo, 1914, pág. 313.

BOTICA DA NATUREZA

Os recursos alimentares indispensáveis nas jornadas do sertão não eram tudo quanto a fauna indígena podia propiciar ao colono. Os extensos manguezais do Cubatão, que ainda no século XVIII os governadores portugueses procuravam preservar, eram um convite à instalação de curtumes e fábricas de atanados. Não se sabe a que ponto chegaram a desenvolver-se tais manufaturas na São Paulo quinhestista, embora Gabriel Soares, referindo-se às criações de porcos da capitania, afirmasse expressamente que os moradores os esfolavam para fazer botas e couros de caideiras, chegando a considerá-los melhores e mais proveitosos do que os de vaca.

O emprego do couro como "dinheiro da terra", atestado em numerosos textos da época, ao lado do açúcar, da cera, dos panos de algodão, constitui prova segura da importância e valia do produto. E a menção frequente dos calçados de couro de veado nas velhas atas da Câmara e nos velhos testamentos e inventários de São Paulo parece indicar, ainda mais, que nessa indústria da terra se empregaria muitas vezes matéria-prima indígena. O primeiro rol de posturas do ofício de sapateiro, aprovado pelos edis paulistanos, o de 1583, fixa em quatrocentos e trinta réis o preço das botas de veado (engraxadas), pouco mais do que as de porco e de vaca, que estas, bem concertadas e bem engraxadas, não iam a mais de um cruzado¹. Em épocas posteriores os calçados de couro de veado vêm logo em seguida aos de cordovão.

Não era recente e nem de invenção local e colonial essa aplicação do couro de veado na indústria. No Portugal quinhestista, sobretudo no Alentejo e no Trás-os-

(1) *Atas da Câmara da Vila de S. Paulo*, I. S. Paulo, 1914, pág. 214.